

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

...ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

AD PHILIP. 3. 12.

ID. 13. 14.

SUMMARIO: *Carta de S. Sanctidade Leão XIII, Papa pela Divina Providencia; Meditação, por D. P. C.—Secção Religiosa: Um milagre de Lourdes.—Secção Scientifica: A critica e a historia antiga de Israel, por A. A.—Secção Historica: Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 81.º, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: Morgados, por Dom Antonio d'Almeida.—Secção Bibliographica.—Secção Litteraria: Berlíos, por João de Lemos.—Secção Illustrada, por R.—Retrospecto, por D.*

Gravuras: *Tintoreto; Avignon.*



TINTORETO

Carta de S. Sanctidade Leão XIII

PAPA PELA DIVINA PROVIDENCIA

Aos Arcebispos e Bispos de Hespanha,
Italia e duas Americas

CHRISTOVAM COLOMBO

Aos nossos veneraveis irmãos os Arcebispos e Bispos de Hespanha, Italia e duas Americas.

LEÃO XIII, PAPA

Veneraveis Irmãos,
saude e benção Apostolica

(Conclusão)

ALEM d'isso, foram d'um motivo superior ás considerações humanas, onde poderia elle haber a constancia e a magnanimidade necessarias para soffrer tudo o que teve de soffrer até final? Contradição dos sabios, mau acolhimento dos principes, tempestades do Oceano furioso, vigílias assiduas que por mais de uma vez lhe fizeram perder o uso da vista, os combates contra os selvagens, as infidelidades dos seus amigos e dos seus companheiros, as conspirações criminosas, as perfidias dos invejosos, as calumnias dos detractores, as ciladas armadas á sua innocencia.

Era inevitavel que este homem succumbisse ao pezo de trabalhos tão enormes e de fâtaques tão numerosos, se não fosse sustentado pela consciencia da excellentissima empreza em cujo exito entrevia a gloria do nome christão e a salvação de infinitas multidões. Ora, as proprias circumstancias em que a empreza se realisou acabam de a glorificar maravilhosamente. Realmente, Colombo descobria a America no tempo em que uma grande tempestade ia cahir sobre a Igreja. Tanto quanto é permittido ao homem apreciar pela marcha dos acontecimentos os destinos da Providencia, foi realmente por um designio de Deus que parece ter nascido esse homem, gloria da Liguria, para reparar os desastres que pela Europa seriam infligidos ao nome catholico.

Chamar a raça indiana á religião christã era com certeza missão e obra da Igreja. Essa missão, assumida por ella desde o principio, continuou a exercer-se por um perpetuo esforço de caridade e continúa ainda a cumpril-a, pois que, nos ultimos tempos, avançou até á extrema Patagonia. Todavia Colombo certo de preparar e assegurar o cami-

nho ao Evangelho, e profundamente entregue a esse pensamento, dedicou-lhe todo o seu trabalho, nada tendo emprehendido, por assim dizer, sem tomar a religião por guia e a piedade por companhia.

Vamos recordar cousas bem conhecidas, mas são dignas de nota, para fazer conhecer o espirito e o coração de Colombo. Quando, obrigado pelos portuguezes e pelos genovezes a retirar-se sem realisar a empreza, se dirigiu á Hespanha, foi n'uma casa religiosa que, de harmonia e sob a inspiração d'um religioso, discipulo de S. Francisco d'Assis, reuniu um grande conselho para apressar a conquista meditada. Quando, ao cabo de sete annos, elle vae finalmente entrar no Oceano, tem o cuidado de fazer tudo o que deve purificar a sua alma antes de se armar: pede á Rainha do Ceo que presida á sua empreza e dirija a sua viagem; ordena que não se despreguem as velas antes de se invocar o poder da augusta Trindade. Fazendo-se ao largo, entre as iras do mar e as vociferações do piloto, conserva sempre a sua alma tranquilla, porque se apoiou em Deus. Os novos nomes que dá ás novas ilhas indicam qual é o seu projecto; quando chega a cada uma d'ellas, adora supplicante o Deus omnipotente, e toma posse em nome do Jesus Christo. A qualquer praia que aborde, nada tem mais a peito do que implantar a imagem da santa cruz; é o primeiro que pronuncia nas novas ilhas o nome divino do Redemptor, que tantas vezes cantára em alta voz ao som das ondas, e é por isso que começa a colonia hespanhola pela edificação d'uma igreja e fez das ceremonias sagradas o prelude das festas populares.

Tal foi, pois, o fim, tal a obra de Colombo nas regiões tão distantes d'elle por mar e por terra, e até então inacessiveis e incultas, mas cuja civilização e gloria e riquezas adquiriram depois, tão rapidamente, o consideravel errão de desinvolvimento em que as vemos hoje. Em tudo isto, a grandeza da empreza, a importancia e o valor dos beneficios que d'ella resultaram, obrigam a celebrar a memoria d'esse grande homem com reconhecimento e com todos os testemunhos possiveis de honra; mas antes de tudo deve-se reconhecer e reverenciar com justa razão a influencia e a inspiração do pensamento eterno a que o descobridor do Novo Mundo obedeceu e serviu com toda a vontade.

Por tanto, para que as festas de Christovam Colombo sejam dignamente celebradas e conformemente á verdade, convém ajuntar a sanctidade da religião ao brilho das solemnidades civis. E é por isso que, da mesma forma que outrora, á primeira noticia do acontecimento, se deram publicas acções de graças, sob a presidencia do Soberano Pontifice, ao Deus immortal e á Divina Providencia, assim julgamos nós dever fazer ainda para a commemoração d'esse infeliz acontecimento. Por conseguinte decidimos que, no dia 12 de outubro, ou no primeiro domingo seguinte, seguindo intender conveniente o Ordinario do logar, se celebre uma missa solemne de Sanctissima Trinitate, depois do Officio do dia, em todas as igrejas cathedraes e collegias da Hespanha, da Italia e das duas Americas. E esperamos que, fóra das nações acima nomeadas, se procederá egualmente, por iniciativa dos bispos: porque convém que aquillo que foi util a todos, seja tambem por todos celebrado com piedade e reconhecimento.

Entretanto, como penhor dos favores divinos e em testemunho da Nossa paternal benevolencia, vos concedemos affectuosamente no Senhor, a vós, veneraveis irmãos, ao vosso clero e a todo o vosso povo, a benção apostolica.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, no dia XVI de julho de MDCCCXCII, decimo quinto anno do Nosso pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.

Meditação

(EM VESPERAS DE ELEIÇÕES)

Sou cidadão portuguez. Dá-me esta prerogativa o art. 7.º da Carta, que nos veiu do Brazil aos 9 d'abril.

Pelo art. 64.º da Carta e 5.º do Acto adicional, cabe-me a dignidade de elector.

Eleitor! que responsabilidade pesa sobre meus hombros! Sei o que vou fazer? Avalio claramente o alcance do poder que me confiou a Carta? Ponderarei assás o que é um membro do corpo legislativo?

O corpo legislativo toma juramento ao rei, ao principe real, a regente ou regencia; reconhece o principe real como successor do throno; noméa tutor

ao rei menor; faz as leis, interpreta-as, suspende-as ou revoga-as; fixa as despesas publicas e reparte a contribuição directa; determina as forças de mar e terra; auctorisa o governo para contratar empréstimos; estabelece meios convenientes para pagamento da divida publica; cria, supprime empregos, estabelece ordenados!...

O' meu Deus! grande poder exerce um membro do corpo legislativo! Grande poder está nas mãos d'um deputado!

E eu hei de escolher alguém para este cargo de tamanha gravidade... Tremo deante d'este passo. Seis milhões de pessoas, uma nação honrada oito vezes secular, estão, deixem-me assim dizer, postas em minhas mãos, para que eu lhes dê harmonia ou desordem, ventura ou desgraça, paz ou guerra, vida ou morte! Que grande confusão para mim!... Bom fôra poder-me isentar d'este doloroso transe, deixar correr tudo ao Deus dará, dêsse por onde dêsse. Mas é isso lá possível? que se diria do pae de familia que lançasse ao desleixo os negocios de sua casa?...

Custe muito embora, hei de cumprir o dever: se a maior parte se desleixar, dar-lhe-ei bom exemplo por não entrar na conta. Já que a lei me chama a influir na escolha d'um digno representante da nação, hei de desempenhar-me conscienciosamente, sem importar-me das instancias do compadre que me aperta que eu dê voto ao deputado que elle intende, nem do regedor que me induz a votar no progressista segundo o arranjo que elles lá fizeram.

O dever e só o dever: eis o que me cumpre.

Nem regenerador, nem progressista, nem constituinte, nem nada d'essa especie: taes distinctivos não influem nas minhas decisões. Seja um deputado homem de bem, seja catholico, catholico sobretudo, catholico sem liberalismo, isto é catholico individualmente, catholico em familia, catholico como deputado, catholico prezando se e não desprezando-se de o ser, tal o homem que nos convem. Somos um povo pequeno e fizemos coisas grandes por que tinhamos Deus conosco. Entre tantos exemplos, ao lembrar-me que em Timor, cincoenta portuguezes commandados por Mathias Fernandes, derrotaram vinte mil mouros e hollandezes, convengo-me cada vez mais que só auxiliados pelo céo é que poderemos ser fortes contra tantos e tam astuciosos inimigos.

Vou dar pois o meu voto. Mas que discricção não urge pôr em minha escolha. Uma temeridade pode ser a minha desgraça, a ruina da minha familia, um damno grave á minha patria, um encargo da minha consciencia. Bem

sei que me prometteram livrar-me o filho se eu fôr pelo dr. Lopes, mas não será isto um negocio como o de Judas? Quem é o dr. Lopes? Um sujeitinho que veio de Coimbra ha meia duzia de annos, que raro vai á igreja e quando vai nem o signal da cruz faz direito. que me não convinha para amigo, de quem não falaria os meus haveres, e muito menos as minhas filhas, talento apenas para rir e escarnecer, a um homem assim vai-se lá entregar os destinos da patria, os interesses da familia, a defeza da religião catholica, o bem real de todos nós! Já fiz isso duas vezes quando votei com o Sergio, mas bem remorsos me tem causado essa leviandade.

Será meu filho soldado? Bem o sinto; mas tambem o foi meu pae e tem-no sido muita gente boa. Vou dar o voto a quem seja christão devêras. Quem ama a Deus não engana os homens.

D. P. C.

SECÇÃO RELIGIOSA

Um milagre de Lourdes

CUMPRE-ME relatar um milagre encantador, assás original, de que foi testemunha ocular um dos piedosos missionarios de Lourdes, e outorgado a um protestante, livre pensador, que longe andava da idéa de o pedir, mas que até com elle ficou estupefacto e seu tanto vexado. Nunca em tempo algum a Sancta Virgem foi tam prodiga de beneficios á misera humanidade.

Max M. era um artista, de raro merecimento, muito conhecido n'uma das estações thermaes dos Pyreneus, onde, com singular talento, regia, durante a permanencia dos banhistas, um grande casino-concerto. Padecia ha tempos de uma lupia na mão direita, dia a dia mais volumosa, cujos progressos a medicina e a cirurgia não conheciam meio de reter. Em 1866 esta lupia, comprimida por uma placa de chumbo, ostentava o volume de um ovo. Impedia que o artista fechasse a mão e pudesse sustentar o arco da rebecca. que tocava eximamente.

Sua mulher era catholica, não sabemos se muito se pouco; mas emfim nem era protestante nem livre pensadora. Uma piedosa amiga convidou-a a um passeio a Lourdes, e o snr. Max, no intuito de distrahir-se, associou tambem.

Chegados que foram deante da gruta, o artista nem se lembrou de tirar o chapéu nem de lançar fôra o cigarro. De pé, coberto, fumando no meio d'uma multidão de peregrinos respeitadamente

ajoelhados, olhava friamente e desdenhosamente para quanto o rodeava.

A amiga da esposa abeirou-se d'elle e disse-lhe: «Snr. Max, é preciso que a Sancta Virgem o cure. Venha commigo; beba da agua miraculosa.» O artista desculpou-se, deu aos hombros com ares de descrente, em tanto que a dama insistia: «Que damno lhe faz isso? Venha commigo, faça um sacrificio, já que eu lh'o peço. Prove aquella agua, tam fresca, tam excellente.»

«A falar verdade, disse entre si o livre pensador, que mal me vai em provar a agua; se me não fizer bem, mal é que me não fará.» Aproximou-se da nascente, como em attenção á dama, e esgottou d'um *trago* o copo que ella lhe apresentou... e a lupia desapparecera-lhe!

«Ah, meu Deus!» exclamou, empallidando e dirigindo-se rapidamente á esposa que, ajoelhada, orava a curta distancia. «Vê que estou curado.—Deixa-me, voltou ella mal impressionada, não é bem que te rias sempre das minhas convicções.—Mas é que me não rio. Ora vê: a minha lupia está curada, radicalmente curada, confirmava Max n'uma excitação visivel.»

A boa da mulher mal podia crer o que seus olhos contemplavam. A placa de chumbo pendia agora solta do braço em tanto que a pelle, as articulações, as carnes, estavam realmente n'um estado normal. Com a amiga, lança-se de joelhos e dá livre curso ás lagrimas consoladoras.

Max, pallido como um cadaver, nem sabia o que fazer. Descobriu-se instinctivamente, lançou de si o cigarro, e tudo era repetir em voz alta: «Estou curado, vejo-me de todo são, a Sancta Virgem curou-me.» O padre missionario, que estava perto pediu-lhe para deixar como *ex-voto*, suspensa na gruta, a pequena placa de chumbo com as ligaduras compressoras da lupia desaparecida. Accedeu promptamente e ainda hoje os peregrinos descobrem entre milhares de tropeus aquella modesta memoria d'um beneficio de Maria.

O snr. Max... retirou-se curado, mas não convertido!

Esperemos que algum dia tire as consequencias logicas de sua cura tam evidentemente miraculosa, e que a Immaculada Virgem de Lourdes o allieve cedo ou tarde da lupia enorme da heresia que até hoje o tem impedido de abrir os olhos á celeste luz do Evangelho e da Igreja.

Os milagres não convertem sempre: Nosso Senhor cumulou de milagres os escribas e phariseus que se não converteram; mas quando não convertem produzem irremediavel condemnação. D'elles se pode dizer o que se diz da Eucharistia: *Vita bonis, mors malis*.

Para que se tenha fé n'um milagre importa... ser-se humilde e sincero.

SECÇÃO SCIENTIFICA

A critica e a historia antiga de Israel

E já desenove vezes secular a lucta que o erro vem sustentando com a cidadella indefectivel da verdade.

E essa lucta, diga-se para gloria da mesma verdade, tem sido dirigida com pericia de alta eschola por parte do erro. Nada se tem esquecido para alcançar a victoria tão almejada: a violencia e o desdém, a calúnia e a satyra, a erudição e a falsa sciencia, a impar de arrogancia pelos merecimentos propios, tudo tem vindo á arena a terçar armas, pela causa da mentira, ora em massa e como que offerecendo batalha campal e decisiva, ora por sortidas, em atos de diversão traizoeira e perfida.

Ha annos quando Ernesto Renan publicou a *Vida de Jesus*, estava na tela da discussão a pessoa de Nosso Senhor Jesus Christo, que o racionalismo d'aquem e d'além Rheno pretendia despojar da auréola divina de que o exornam, com justiça, millões de homens que lhe consagram o mais lido dos cultos—o culto do seu amor—.

E Renan, publicando esse livro tristemente celebre, que deixou apoz si um rasto lugubre de descrença e infelicidades, não fazia senão vestir á franceza, e popularisar com o curopel do seu estylo, theorias excogitadas na Alemanha por Paulus, Strauss, Baur, etc., com o intento de dar razão meramente natural do momentosissimo facto do apparecimento do christianismo.

Essa tempestade que por vezes se ostentou ameçadora passou: a erudição allemã dos Strauss e Baur, alliada aos fulgores da dicção toda franceza de Renan conheceria per experiencia que o Christo-Deus não conhece nem conhecerá supplantadores na terra.

Fizeram muitas victimas, por certo; mas se isso é gloria... maldicta a gloria de tal sciencia, nefasta a victoria de tal estylo que se alimenta da pçonha do vicio e do crime que legrou influir no coração de muitos desventurados.

Ao parecer, a falsa sciencia tem algo de tigrino; tem o prazer da desgraça alheia. Arranca do coração das multidões a paz da alma e substitue-a pelo remordimento da consciencia; faz seccar as flores bemdictas da esperança christã e fecunda as ervas más do odio, da sede de vingança e do desespero. E quando vê as suas victimas a escabu-

jar nas vacas do suicidio physico—consequencia logica da morte moral do espirito—tem frémitos de prazer sangui-nario e anima-se com os successos obtidos a novas conquistas no apostolado da descrença e do vicio.

Mas, como dissemos, a tempestade passou. Ser a desgraça de muitos infelizes não é apoar a Christo do throno de gloria que muitos milhões de homens lhe devotam do coração, honrando-o como Deus.

Viu-se assim o erro constrangido a variar o plano de ataque, ao menos por incrementos.

Negar o Christo historico era empreza cujo successo só encontrava equivalente na magnitude do absurdo. Pois se Jesus Christo viveu em plena idade de Augusto, quando a historia era desde ha muito escripta por homens da estatura de Herodoto, Xenephonte, Tito Livio, e tantos outros, poder-se-ia acaso admit-tir que da imaginação pretendidamente erudita dos discipulos de Jesus de Nazareth luctara, sob a influencia das narrações biographicas do Antigo Testamento, essa esplendida *vegetação de mythos*, que Strauss observa nos evangelhos, e que engrinaldando a figura bem humana do fundador do christianismo, lhe fez attribuir as proporções de um ser sobrenatural, de um Deus, da segunda pessoa da Trindade Sanctissima?

(Continua)

Parêdes, 27 de julho de 1892.

A. A.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

SI.º

CLXXVIII

P. André de Barros

Já n'esta Galeria fallamos do grande jesuita P. Antonio Vieira, o principe dos prégedes do nosso reino, classico da lingua portugueza e varão apostolico do seculo XVII. Não devemos tambem omitir o P. André de Barros que escreveu elegantemente a vida de Vieira, e que não foi menos erudito e famoso orador sagrado.

Nasceu este preclarissimo varão em Lisboa nos fins do seculo XVII, sendo seus paes Luiz Alvares de Barros e Isabel da Cruz. Não tinha ainda completado 16 annos de idade, quando a 3 de outubro de 1691 entrou na Companhia de Jesus. No collegio de Coimbra estu-

dou philosophia e theologia, e tambem alli ensinou humanidades, bem como em Lisboa, no collegio de Santo Antão.

O P. Barros dedicou-se á prégação evangelica em varias terras do nosso reino, principalmente em Evora e Lisboa, mostrando no exercicio do pulpito muito talento e zelo, e colliendo grande fructo.

Foi reitor e mestre de noviços na casa do noviciado de Lisboa, e preposito da casa professa de S. Roque.

Instituindo D. João V em 1720 a Academia Real da Historia Portugueza, foi o jesuita Barros um dos primeiros academicos, sendo eleito para escrever as Memorias Ecclesiasticas da diocese do Algarve.

Falleceu piamente este distincto jesuita a 6 de janeiro de 1754, deixando, entre outras obras que compoz, a magnifica e elegante Vida do Padre Antonio Vieira, que necessariamente deve ser compulsada por todos os que desejarem saber o que foi o grande prégador e classico portuguez.

Não ha muito tempo que um celebre Manuel Borges Grainha, no libello calumnioso que escreveu contra os jesuitas, para mostrar que estes perseguiram o P. Vieira, ousou escudar-se com a auctoridade do P. André de Barros, citando o falsamente. Com isso evidenciou que o não tinha lido, ou que o não entendeu.

O livro do Padre Barros é uma obra bem escripta, alem de interessante pelo objecto de que trata.

CLXXIX

P. João Pichon

Este jesuita é conhecido por um livro que escreveu sobre a frequente communhão, livro que causou grande sensação em toda a Igreja, principalmente em França, e que afinal foi condemnado em Roma e posto no *Index*. Por esta razão parece que devia ser eliminado d'este catalogo o nome do P. Pichon.

Mas não é assim. Attendendo a que elle foi um varão notavel da Ordem de Santo Ignacio, e que a proscripção da sua obra em nada prejudica a sua memoria, torna-se necessario dizer duas palavras a seu respeito; não para defender o livro condemnado ou a doutrina reprovada que elle contem, mas para justificar o seu auctor contra as accusações dos discipulos de Jansenio.

Punhamos as coisas no seu logar, tomando por norte a verdade; é este o unico conselheiro que seguimos na exposição dos factos. Vejamos primeiramente quem foi o jesuita João Pichon.

Nasceu este abalisado varão na cidade de Lyon (França), no anno de 1683, entrando na Companhia de Jesus na idade de 14 annos. Depois de seguir o

curso theologico e philosophico nos collegios do seu instituto, como é de costume, empregou-se nas missões; a provincia de Lorena foi o theatro dos seus trabalhos apostolicos.

Era tão conhecido o seu zelo na pregação do Evangelho e o fructo das suas missões, que, passados tempos, o rei da Polonia, desthronado, Estanislau I, o chamou para presidir ás missões que com tanta magnificencia estabeleceu no seu ducado da Lorena e do Bar. Este territorio era dominio d'aquelle principe.

O P. João Pichon distinguio-se no seu ministerio, operando maravilhosas conversões. Era um religioso exemplarissimo, humilde, prudente, e pregava com muita unção e eloquencia.

Observando elle que alguns innovadores procuravam afastar os fieis da santa communhão, sob o pretexto de que era necessario ser perfeito para a receber, compoz um livro para combater esse erro, que provinha da fonte jansenista. O livro de Pichon tem por titulo: *O Espirito de Jesus Christo e da Igreja sobre a frequente communhão.*

Apenas este livro se publicou em 1745, tornando-se conhecido, alguns Prelados francezes, depois de o examinarem, julgaram que continha doutrina pouco sã e digna de reprovação sobre a frequente communhão. Parecia que o auctor não distinguia bem as disposições necessarias para receber com fructo a Eucharistia, da recepção da mesma. Encarecendo a Communhão frequente, parecia fazer consistir só n'ella todo o proveito espiritual.

N'este sentido, procederam bem os Prelados censurando o livro de Pichon, porque se podia abusar da sua doutrina.

Manda, porem, a verdade que se diga que o P. Pichon escreveu com boas intenções, sendo todo o seu fim recomendar a frequente communhão e rebater os erros do jansenismo a este respeito. Peccou por excesso do amor divino, como de Fenelon disse Innocencio XII.

O livro effectivamente foi condemnado pela Santa Sé; mas note-se que primeiramente foi reprovado pelos jesuitas, e o mesmo auctor o condemnou por um acto publico a 24 de janeiro de 1748. O decreto de Roma tem a data de 15 de agosto do mesmo anno.

Escutemos agora o que diz o sabio P. Cros, auctor moderno da Companhia de Jesus no seu livro—*O confessor da infancia e da mocidade*, approvado por muitos Prelados de França:

«O livro do P. Pichon foi condemnado em Roma, unicamente porque parecia dizer que a communhão frequente era de preceito divino (em sentido rigoroso). Quanto aos escriptos jansenistas

publicados em França contra este livro, estão completamente cheios de erros condemnaveis, clara e inteiramente contrarios ao espirito de Jesus Christo e da sua Igreja, acerca da administração dos sacramentos.»

Já se vê que o jesuita Pichon errou por falta de explicação, e não por má-intenção. Com razão, pois, a Igreja proscreeu o seu livro, que o mesmo auctor tinha reprovado.

Em seguida o P. Pichon se dirigiu a Sion no Valais, onde o chamou o Bispo d'esta cidade, conhecedor do seu merito. Alli foi grande vigario e visitador geral da diocese. Morreu santamente a 5 de maio de 1751.

Como acabamos de ver, o P. João Pichon foi um homem notavel por sua sciencia e virtudes, não obstante a condemnação do seu livro; bem como o grande Fenelon, piedoso e sabio Prelado de França.

(Continúa)

P.ª João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

Morgados

HOUVE em Portugal uma instituição dita Morgados, que fez muito bem a muitos, e não fez mal a nenhum, excepto a alguns dos proprios administradores dos mesmos Morgados, que não souberam administral os.

Os individuos chamados Morgados não eram donos; tinham o usufructo, que passava aos successores conforme a lei. e por isto tinham a designação de administradores. Não é nosso actual scópo entrar longamente na materia antigos Morgados, historico-juridicamente, mas sim fazer uma comparação—entre Morgados que fôram e uns como Morgados que são, aliás não tendo estes d'aquelles mais que aglomeração de tal ou tal especie de propriedade, e só isto.

A *escola moderna*, em seu espirito sophistico, insurgiu-se contra os antigos Morgados, fazendo argumentos de que eram elles uma especie de monopolio que como tal deviam desaparecer. Este argumento era o apresentado, porém o não apresentado era outro e complexo; sim o odio contra uma vetusta instituição, que participava do religioso, do monarchico e do aristocratico, e todas estas qualidades não ajudavam, mas sim contrariavam o espirito e manejos da Revolução, embora os Morgados não fossem arsenaes, nem os administradores d'elles homens em armas. Alem do rancor revolucionario havia uns desleixados sem apêgo á instituição, e uns potentados ambiciosos que desejavam

haver a propriedade desvinculada, e ainda uns usurarios para se seivarem no cadaver—Morgado.

Na Hespanha, na Austria, no Brazil, entrada por lá a *novidade ligello*, fôram extinctos os Morgados, mas não por uma especie de cyclone, como em Portugal, embora por uma lei que no proprio parlamento foi capitulada de má, porém que se faria outra melhor depois; conceito este nunca ouvido em... *legispheração.*

O que ganhou Portugal com a extineção dos Morgados? Tanto como ganhou com a extineção dos conventos: NADA! e perdeu muito!

Que se fizesse uma reforma na Legislação Morgadia, era razoavel, e nós sustentamos esta these ha quarenta annos; mas a *escola moderna* não sabe reformar, sabe destruir. Os Morgados *desappareceram*, e em vez d'elles vemos *Companhia das Lezirias*, e mil outras aglomerações em proveito dos aglomerados; e mais recentes e apurados os *syndicatos*; e eis os Morgados modernos com os quaes Portugal não folga em seu escrupuloso e justo sentir. O *modernismo* não passa de um pessimo *bul-a-baixo!* e *alaventa sem justo fundamento*, e por isto caducavel com funestissimas consequencias, que não urge serem demonstradas, pois que são evidentes, e a esperar-lhes a continuação em quanto a *Sociedade* se não vir livre de *Monsieur l'esprit moderne*, que na verdade é um *algor sem auctorisação* e assim um assassino.

Modernismo não significa má tudo que é novo, porem sim *toda a novidade má*. Napoleão I não foi pelos Morgados em França, mas decretou as grandes doações transmissiveis; no imperato de Napoleão III pensou-se em estabelecer na França os Morgados, e a instituição parecida como na Inglaterra continuam as antigas *cases*. A sombra da legislação que lhes proteja a continuidade.

Os *novelleiros* em Portugal, tem sido e são dos mais apurados em *bul-a-baixo*. N'uns trabalhos já alludidos, que com o Favor de Deus! demos a lume ha annos, tomando n'elles como argumentato os Morgados, provamos que não havia motivo que justificasse a extineção da propriedade morgadia, mas sim para uma sã e prudente reforma na Legislação respectiva a esta mesma especie de propriedade; e não chamamos as razões *aristocraticas*, que aliás poderiam ter sido chamadas, mas sim as razões religiosas, por isso, que os Morgados participavam de *instituição pia*, motivo este para a *hydropisia modernissima*; mas sim as razões economicas, que os *modernissimos* aceitam; mas, sim o bom equilibrio da propriedade, evitando-se a excessiva divisão d'ella, não

justificada, sendo os Morgados um bom peso para o justo equilibrio proprietario.

Mas com os *loucos* é inutil a argumentação, e com os *degenerados* os argumentos; embora elles os vejam, fecham os olhos *para dentro*. Dos cegos os mais cegos, nas cousas moraes ou que d'estas participam, são os que *não querem vér*.

As *Casas Morgadas* eram, alem de outros beneficios, a sustentação de milhares de familias, e os *asylos* de milhares de pessoas, que não custavam ao Estado nem 5 reis. Judeus e judeus vivem á custa de suas victimas; é este o seu *caracteristico*; *projitiam in vos stercum pecuniae tuae!* A Revolução foi feita pela burguezia pertenciosa e é sustentada pelo dinheiro dos *Judeus*. Taes *entidades* aborreciam os Morgados. e amam os monopolios sem que lhes importe a communiidade.

Dom Antonio de Almeida.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Extracto da recente apreciação, feita pelo distincto e conhecido escriptor catholico Rev. Sr. Padre José Victorino Pinto de Carvalho, sobre a 2.ª edição do bello livro «Pensamentos Consoladores de S. Francisco de Sales», a qual acaba de vér a luz da publicidade:

Quando me veio á mão a primeira edição, disse pela imprensa as impressões que a sua leitura me deixou impressas na alma. Muito mais poderia dizer hoje, que muito áquem da realidade ficarão sempre todos os encomios, que se teçam a este livro visivelmente inspirado por Deus.

Mas não ha necessidade de novo artigo; primò porque, perdido na voragem, que absorve as folhas diarias, ninguem se lembra hoje do pobre escripto publicado ha sete annos; secundò porque, embora igualmente catholicos, são hoje diversos os meus leitores, como diversos são os jornaes para que escrevo.

Reproduzirei, pois, com pequenas variantes, o que publiquei a proposito da primeira edição. Os *Pensamentos consoladores*, extrahidos das obras de S. Francisco de Sales, são um livro preciosissimo de leitura espirital, que devia ser lido por todos, porque todos, por mui felizes que se julguem, têm mais ou menos que soffrer.

Qual é a pessoa, por muito virtuosa que seja, que não soffra tribulações na vida interior?

Quem se não vê amiudadas vezes

atribulado com enfermidades da alma e do corpo?

Quem não treme ao pensar na morte e no juizo de Deus?

Quem não vê, todos os dias, partirem-se d'este mundo parentes ou amigos, que são como pedaços d'alma, que vão desapparecendo deante de nós, indo esperar-nos em regiões desconhecidas?

Para todas estas afflicções, que torturam continuamente a humanidade, são os *Pensamentos consoladores* um balsamo suave e precioso que, derramado na alma afflicta do homem atribulado, ensinal-o ha a soffrer com resignação todos os trabalhos, desventuras e dissabores da vida.

Lendo este livro com attenção, sentimo-nos dominados pela suavidade e candura com que o santo Bispo de Genebra nos falla ao coração. As almas dilaceradas pela dôr; as consciencias timoratas, que anjam em continous sobresaltos e receios pelo seu estado espirital e incerteza da salvação, aspirando o perfume de santidade, que exhalam aquellas paginas admiraveis, sentirão penetrar insensivelmente, pouco a pouco, os seus peitos atribulados, a consolação e a confiança...

Esta publicação é feita pela antiga e conhecida livraria Mesquita Pimentel, 67, rua de D. Pedro, 69—Porto.

O seu preço em brochura é de 600 réis e com linda encadernação dourada 850. Pelo correio accresce o transporte, que é de 50 réis.

SECÇÃO LITTERARIA

Berlioz

Do velho mosteiro, na Igreja, entre os lumes,
Que fulgem, co'as rosas do candido altar,
Em rolos de fumo, do incenso os perfumes,
Louvores da terra aos Céus vão levar!

E' festa; e de festa repicam os sinos;
O órgão retumba com sons festivos...
Eis chegam... eis entram, de gala, os meninos,
Que foram eleitos dos aijos rivales!...

A' mesa se acercam da sacra Eucharistia...
O acto começa... do Padre na mão,
Aos sons ineffaveis, de doce harmonia,
Apparece... (ajochemos) das almas o Pão,

Que scena sublime! Que vista! Que encanto!
Que vozes das monjas! E aos jovens, em flor,
Por entre os aromas, e luzes, e canto,
Jesus vir do alto, nas azas do amor!...

Um d'elles, mais feito dos crentes ás palmas,
Talvez mais tocado da chama christã,
Talvez deslumbrado no enlevo das almas,
Co'as vozes das monjas; co'a voz d'uma irmã;(1)

(1) A irmã de Berlioz era educanda no convento das freiras onde elle fez sua primeira communhão.

C'os sons saudosos do órgão canoro;
C'o altar scintilante; então lhe par'ceu
Que via, que ouvia dos aijos o côro,
Aos seus pobres olhos abrindo-se o Céu!...

E esse quem era? Que moço inspirado,
Que assim se arrebatava no encanto da voz?
E' elle!... E que logo em si sente o brado
Que á musica o chama... Heitor Berlioz!

Foi lá... foi de Christo, no templo, no imperio!
Que o genio acordara; foi junto do altar;
D'amor foram vozes, d'amor ao mysterio (1)
Que o fogo sagrado, lhe vem revelar!...

Religião Santa! Que, fertil, repartes
Aos homens, no mundo, teus mysticos dons!
E's sombra fecunda d'artistas e artes,
Nas côres, nos versos, na pedra, nos sons!

A! Foi da tua força tão viva; tamanha,
Que Heitor se formára; foi força do Céu,
Que esse astro accondara, que entora a Allemanha,
Que o mundo extasia na voz de Romeo! (2)

João de Lemos.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Tintoreto

(Vid. p. 181)

SURPREHENDE-VOS aquella floresta de mastros, aquella differença de bandeiras, o embate de proas contra proas oscillando na superficie movil das aguas, a lucta braço a braço, peito a peito, de mouros e christãos, o pavor n'uns, a coragem n'outros, aquellas phisionomias distinctas, os trages variados, o Christo arvorado a fazer recuar as tropas adversas? E' a *Batallia de Lepanto*, obra prima de Tintoreto, um dos mais felizes discipulos de Ticiano.

Nascido em Veneza em 1512, n'essa epocha de pinceis privilegiados, bem cedo tornou famoso o seu nome, sendo por toda a parte procuradas as suas obras. Foi-lhe de inconveniencia a sua grande popularidade: ancooso de attender a todos, começaram seus trabalhos a revelar uma falta de correcção que os prejudicava, embora os tivesse o auctor como preferiveis aos rigorosamente apurados. Esplendem nas obras de Tintoreto um vigor arrojado, uma sciencia notavel, um colorido soberbo, uma feliz combinação de luz, um perfeito contraste do claro escuro, que lhe attenuam os senões em que se deixou de vez em quando resvalar.

Por cima de sua officina lia-se: *O colorido de Ticiano, o desenho de Miguel Angelo*. Preso na imitação dos dois mestres, descuroou o estudo da nature-

(1) O que se estava cantando era um hymno á Eucharistia.

(2) Berlioz é o auctor do *Romeo e Julieta*.

za, a ponto de servir-se de figurinhas de cera para modelo de seus trabalhos, dando-lhes a posição e a luz que lhes julgava mais a proposito.

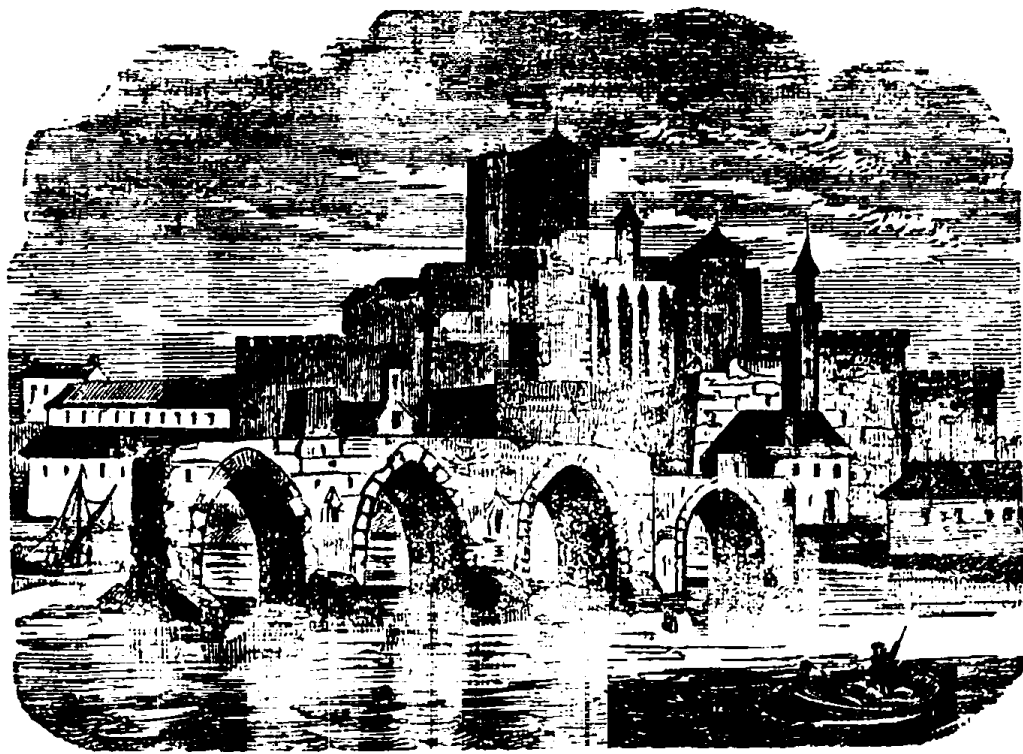
Alem da *Batalha de Lepanto*, cita-se entre os primores de Tintoreto o *Martyrio de Sancto Estevam*.

Foi Veroneso um de seus melhores discipulos, e sua filha Marietta Tintoretta, eximia na musica, foi tambem

capaz. E' tudo uma miseria onde a consciencia não existe. Para gente que tal, facil em cerrar os punhos contra o snr. D. Miguel acoimando o de absoluto, o engendrar um absolutismo, o exercer uma prepotencia, é uma tafulice corrente para que se não repara. No hospital de Rilhafoles, trabalhava ha tempos, como director interino, o snr. dr. Mendes Lages. Tinha sido incançavel

Rilhafoles induz muita gente a pensar do snr. ministro não sei o quê.

Quanto a equilibrios de orçamento, conta o *Correio da Noite* que o desditoso Luiz XVI tinha um diario para archivo de suas provações, e após a execução de 21 de janeiro, examinado o archivo, viu-se que na primeira pagina se lia simplesmente NADA, na segunda o mesmo NADA, na terceira NADA, e



AVIGNON

celebre nos retratos e na pintura historica, bem como seu filho Dominico Robusti.

R.

Pede-se uma AVE MARIA por uma necessidade.

RETROSPECTO

Chronica

Portugal.—O snr. ministro do reino mostrou mais uma vez o de quanto era

nos melhoramentos introduzidos n'aquelle estabelecimento. O seu talento, a sua probidade, as informações de pessoas rectas, impendiam unanimemente a levar o ministro a nomeal-o director effectivo. Mas qual? O snr. Mendes Lages é um catholico sincero, e é isso um grande peccado nas espheras do poder. Sabemos de varios factos d'esta natureza.

Em vez do snr. Mendes Lages foi nomeado o snr. Bombarda.

No liberalismo não ha justiça. No entanto, um acto d'estes em assumpto de

quarta NADA, e assim até á ultima folha.

O ministerio Dias Ferreira, elevado ao poder para salvar as finanças do paiz, apresenta hoje um archivo tam puro como o de Luiz XVI—NADA, NADA, tres vezes NADA!

As medidas de salvacão publica, augmentando as contribuições e diminuindo os estipendios, produziu uma diminuição notavel na receita alfandegaria, de modo que o passivo engole o activo, embora com inversão de todas as leis.

Consequentemente nem o snr. Dias Ferreira, nem o snr. Oliveira Martins,

melhoraram a situação do paiz. Nós conheciamos isto *à priori*, quando a pag. 53 de nossa *Revista* affirmamos «não serem estes os salvadores da patria.» Como n'aquelle dia repetimos ainda e repetiremos sempre: «Patria!... E's um ramo glorioso da Igreja catholica. Aubelas viver? Conserva-te a ella unida e viverás. Em quanto o poder civil não fór dirigido por quem tome a peito dar a Deus o que é de Deus, ninguém contra venham dias prosperos a Portugal.»

O partido legitimista, para quem muitos lançam hoje olhos mais attentos e de maior sympathia, mórmente depois que os mesmos liberaes (1) vieram pregoar a verdade de ser a dynastia constitucional uma dynastia, não de direito, mas sómente de facto, ganha cada vez mais terreno, e anima-se à lucta eleitoral com arrojo denunciador da muita juvenildade que n'elle opera ao mando d'uns veneraveis cabellos brancos. E' de crer que este partido alcançe algum representante na proxima legislatura.

O partido republicano fere campanha eleitoral por todo o paiz. D-us, que tudo vê, contemplará a actividade dos emprezarios do mal e a dos catholicos, emprezarios do bem. Qual d'ellas virá a sobressair mais?

O conde de Burnay propõe-se deputado. Muitos eleitores de Cintra levar se-ão às nuvens, se lhes disserem que não são catholicos; mas, apesar de o serem, vão dar seu voto ao snr. Burnay, que não é catholico, que é judeu!!! Por vezes se tem falado na imprensa com acrimoniosa energia ácerca da nacionalidade do homem, que se não fór portuguez, não podera ser incluído entre os representantes da nação. Todavia não é catholico: por maioria de razão não deve ser representante do povo portuguez, mais prezador da religião que da nacionalidade, mais antigo como catholico do que o é como portuguez.

Dir-nosão que a razão não pêsá no espirito do governo e da opinião publica. Pena é que seja assim: se não pêsá, estamos um povo leuco, e um povo assim não pode governar-se; carece da tutela d'outrem.

O uniforme do exercito vai passar por nova remodelação. Parece que as modas influem agora no fardamento das tropas lusitanas. Faltava isso. Como vão em mar de rosas os negocios importantes, bem pode cuidar-se tambem d'estas bagatellas.

Uma noventa pagina veiu revelar nova podridão d'esta sociedade gangrenada pelo liberalismo, na qual, pela repugnancia que nos causa, tocaremos sómente de passagem. Em Lisboa, na

rua de S. Bento, n.º 87, moravam duas megeras da peor especie, duas hyenas com feições humanas, incumbidas de alliciar menores para repasto brutal do commendador José Machado Miranda!

A policia farejou aquelle antro de indignidades, prendeu as duas... em tanto que o capreo sementel desapparecia apressadamente, retirando se para Bagnères de Luchon, nos Pyrenneos.

Portim a Irmã Collecta, a victima das iras satanicas da maçonaria e do *Seculo*, foi posta em liberdade, recolhendo á casa das Trinas, d'onde havia saído entre as garras policiaes como se fora uma scellerada de primeira ordem. Tem recebido muitas visitas sendo saudada como uma verdadeira martyr das calumnias torpes d'uma cohorte sem religião, sem vergonha, sem dignidade. As pobres encarceradas do aljube fizeram á boa Irmã Collecta uma grande manifestação de sympathia ao verem-na em liberdade, embora lhes ficassem saudades por quem tam caridosamente as beneficiou com discreto conselho e exemplo heroico.

Ao *Seculo* não falta quem aponte a perdidia com que, desde principio, publicou em caracteres normandos o nome da boa Collecta, e occulta agora o do heroe infame da rua de S. Bento. Todavia o *Seculo* continua a ser lido, e ha de sel-o em quanto haja biltres e... mentecaptos.

Hispanha.—Por todas as provincias se tem celebrado a saída de Colombo em 2 de agosto de 1492 para o descobrimento da America, mas nas aguas de Palos (Huelva) elevava-se o festival á altura do notavel acontecimento.

Da Austria veiu áquellas aguas a corveta *Aurora*; da França, o couraçado *Duguesclin* e o aviso *Hironelle*; da Grecia o cruzeiro *Canaris*; da Hollanda o *Bonaire*; da Inglaterra o *Amphion*, *Australia* e *Scout*; da Italia o *Duño*, *Dandolo*, *Italia* e *Leporto*; dos Estados Unidos, o *Concord*, *Burington* e *New-York*; de Portugal o *Vasco da Gama*; da Hespanha, o *Pelayo*, *Alfonso XII*, *Isla de Cuba*, *Isla de Luzon*, *Victoria*, *Legazpi*, *Temerario*, *Cocodrilo*, *Arlanza*, *Cuervo* e *Nautilus*. Congregaram-se pois n'aquelle porto, formado por um pequeno rio da Peninsula trinta grandes navios entre os quaes se viam dos mais aperfeiçoados modelos, a cujo lado a caravela *Sancta Maria*, reprodução fiel da que transportou Colombo alem do Atlantico, era uma ilha de curtas dimensões juncto dos grandes continentes. E no entanto esse imperfeito vaso maritimo adquiriu na historia um renome que jamais alcançará o *Leporto* com as suas 13,000 toneladas ou a *Italia* com as suas 13,700.

Contraste infeliz a estas gloriosas re-

cordações da Hespanha são porém as dissensões populares, manifestadas por toda a parte, fructos amargos do terrivel systema liberal, que depoz nas mãos d'uns especuladores quaesquer o destino dos povos. A cidade de Vigo, inquietada pelos direitos de consummo, ergue-se em clamor seguido contra os agentes do fisco, dando em resultado numerosas prisões. Outras cidades e villas foram theatro de scenas eguaes, terminadas sempre pelas espadas da força publica, com detrimento do pobre povo que tudo paga, e tudo sofre, e tudo causa, embora inconscientemente, pois d'uma boa eleição depende um bom governo.

França.—O conselho de Estado praticou outro singular feito, que lhe obtém hoje as palmas do livre-pensadeirismo, mas que, se é possível, o submerge mais fundamente no conceito da gente digna e permanecerá indelevel no bronze da historia, como lição ás futuras gerações do quanto a subserviencia e a cobardia, sobretudo quando conculcadoras das leis da justiça, trazem consigo a propria ruina. Os prelados de Rennes e de Luçon foram condemnados por algumas palavras de seus catecismos.

Os successos em França caminham rapidamente. Os consecrarios d'estas condemnações auctorisam o conselho de instrucção publica a prohibir em todas as escholae collegios o uso de taes catecismos: é o paganismo imposto oficialmente por toda a parte a um povo catholico, descuidado por certos seus deveres eleitoraes.

A este mal ajunctemos o do relatório do orçamento dos cultos, que intenta a redução das dioceses e a suppressão de todos os vigarios geraes.

O presidente Carnot, levado da obscuridade em que jazia á chefia da republica, não se resigna facilmente com a idéa de abandonar o throno que lhe foi dado. A lembrança de não obter a reeleição crucifica-o duramente, roubando-lhe o somno, e a M.^{mo} Carnot, que bem suppunha morrer como rainha de França.

Freycinet e Constans andam agora muito de mãos dadas, o que em extremo desagrada ao presidente encasacado. O radicalismo fere tambem campanha renhida, anhelando que a direcção dos negocios da França passe á gente das suas fleiras. A eleição, que é em dezembro de 94, dá já que pensar, que falar, que escrever. Quem sabe se virá ella a ser uma lição no centro da Europa, semelhante a muitas que nos tem offerecido a America, tanto do norte como do sul?

Carnot, cubitoso agora de mais honras para influir no publico, facil de por ellas se fasciar, procura obter o Tosão d'Oiro, que pertenceu ao seu anteces-

(1) Vid. *Portugal Contemporaneo* do sr. Oliveira Martins, I. p. 4, etc.

sor. Mal sabemos se isto lhe trará venturas: o radicalismo não se deixa impressionar das medalhas assentes no peito d'aquelles a quem guerreia, e bem conhecida é já a má vontade consagrada ao presidente da republica.

O que fará Carnot apertado violentamente por dois lados? Que partido poderá valer-lhe na conjunctura presente? Ha quem diga que se hade socorrer aos catholicos, mas estes saberão a attitudde que lhes convem tomar em face de quem não apresenta nenhuma condições de confiança.

As ultimas eleições demonstraram o peso que os catholicos vão lançando já na politica franceza. O triumpho dos republicanos deve-se a promessas explicitas de pacificação religiosa, por cujo motivo os catholicos, obedientes ao Summo Pontífice, acompanharam os republicanos de precedentes dignos. Taes eleições devem ser vantajosas para a Igreja.

A par de tudo isto, alimentada por todos os modos, mas principalmente pelas maravilhas de Lourdes, vemos desinvolver-se a fé entre aquelle povo singular, que uma vez mais offerece ao mundo inteiro o grande espectáculo de enviar ás margens do Gave dez mil crentes, saídos d'aquella Pariz, ha vinte annos quasi reduzida a cinzas pelos sectarios de Karl Marx, Jacobi, Tonatchin e Diebneck. Nenhuma congregação da grande capital se esqueceu de enviar representantes áquella festa de prodígios, doude todos voltam consolados com as munificencias de Maria.

Italia.—O assassinato do bispo de Foligno, que n'um vagão de 2.^a classe se dirigia de Florença para a sua diocese, causou grande impressão na Italia pela barbaridade do crime e pelas sympathias geraes consagradas ao virtuoso prelado. Embora se ache preso o auctor, ou supposto auctor, não ha ainda luz bastante sobre o movel d'este gravissimo delicto. Sómente se deu pelo crime quando o trem entrou na estação de Foligno. Sabido o regresso do prelado, clero e povo aguardavam a chegada do pastor, e notando a demora em sair da carroagem, foram examinar se acaso dormia. Foi então encontrado o cadaver com o rosto ensanguentado e signaes evidentes de lucta violenta. Estava no chão, com parte do corpo descansado n'um assento, e muitas manchas de sangue em derredor. Accudiram as auctoridades, e com ellas o povo, havendo necessidade de pedir auxilio para formar um cordão que interceptasse o passo aos curiosos, que affluíam em grande numero, ao passo que a infausta nova corria pela cidade.

Fôra o prelado morto a golpes de martello, e alguns tam violentos que

lhe desfiguraram completamente o rosto. Causava espanto vel-o.

Foi conduzido ao paço episcopal, acompanhado pelas auctoridades e clero, e posto em camara ardente, aonde em grandes turmas, desfeitos em pranto, accudiam os diocesanos prestando as ultimas homenagens a quem veneravam como a pae. Prepararam-se-lhe esplendidas exequias, com a assistencia de toda a cidade, sem distincções de partidos, pois o bispo, que não contava mais que uns 46 annos, era geralmente presado.

Roma, a capital do mundo catholico, está condemnada a não ver em si a paz. Algumas associações catholicas projectaram depór uma corôa no busto de Christovam Colombo; reuniram-se umas 600 pessoas, com cinco bandeiras e uma orchestra, e pacificamente partiram da rua de Monserrato onde se tinham congregado. A breve trecho um grupo de discolos anticlericaes, seguiu o prestito, assobiando insolentemente, e fazendo-se de instante a instante mais numeroso. Aos assobios seguiram-se gritos: *Viva Giordano Bruno. abaixo o Papi, morte aos clericaes!* Os catholicos respondiam: *Viva Roma Catholical Viva Christovam Colombo!* N'uma irritação de possessos, os perturbadores tentaram impedir a passagem aos catholicos, mas impossibilitados de realisarem a acção, correram ao busto do grande navegador, e cobriram-n'o com suas bandeiras. Os catholicos tentaram abrir caminho, mas nada conseguiram. Houve uma confusão terrivel, gritos, pancadas, ferimentos, muitas prisões. O busto de Colombo foi derrubado n'uma violencia dos dois bandos.

E' por toda a parte o mesmo: a anarchia quer governar o mundo, a ordem cruze os braços e deixe passar a onda.

Ora se os catholicos se pozorem inactivos, como aconselham uns certos prudentes e ao invez do que determina o Sancto Padre, bem cedo talvez se hão de realisar as previsões de Chateaubriand, essa *potencia n'este mundo*, segundo a phrase de Carlos X: «O christianismo começou nas catacumbas; saiu das entranhas da terra para entrar nos templos, poz em liberdade a verdade philosophica, encarcerada nos templos, havia tres mil annos; diffundiu-se com ella pelas cidades e pelas aldeias, e, progressivamente, se foi estabelecendo em todo o globo. Hoje elle parece recuar em sua marcha, abandonar pouco e pouco as turbas para entrar segunda vez nas igrejas, e d'aqui tornará a descer ás catacumbas! Será para de novo sair? Só Deus o sabe!... A incerteza de nossos destinos não me permite dar á pergunta decisiva resposta...»

Em quanto a plebe procede como

temos visto, a maçonaria de mãos dadas com Crispi, amigo inseparavel do grão Mestre Adriano Lemmi, trabalha em derogar a Constituição do Estado, outhorgada em 1848, e abolir de vez a lei das garantias. Para isto, levar-se-á Crispi ao poder nas proximas eleições e dar-se-á o triumpho á raça judaica. Em face d'esta attitudde, é gravissima a inquietação da casa de Saboia, tam angustiada por aquelles que lhe ergueram o throno no Quirinal. Humberto lembra-se a miude de Maximiliano d'Austria, e a rainha Margarida não se vê pouco anceosa por, como a princeza de la Cisterna, poder exclaimar um dia: «Graças a Deus! já posso dormir. Conceder-lhe-á Deus essa ventura?»

As finanças augmentam dia a dia... em descrédito. A agencia *Stefani*, fiel portavoz do governo, annuncia «que o thesouro italiano foi provido para assegurar os fundos necessarios ao pagamento, no estrangeiro, em 1 de janeiro de 93, do coupon consolidado de 5 por cento.» Foi isto bastante para as mesmas folhas liberaes aggredirem o governo por uma declaração que ninguém crê, cujos resultados serão inteiramente contraproducentes.

Pobre Italia! O liberalismo é a lepra das nções modernas; onde mais entrou, mais estragos se encontram.

Brazil.—Nada temos dicto d'este malfadado paiz. Os republicanos (como teriam feito em Portugal, se vingasse o assalto maçonico de 31 de janeiro) desmancharam o machinismo governamental, seu tanto defeituoso por um regalismo que importava eliminar, e manifestam ao presente uma descomunial impericia na remontagem de rodas importantes, cujo regular funcionamento tam desejado é para a prosperidade d'aquelle povo, quasi nascido hontem, mas cheio de força e vida, capaz de conquistar um futuro brilhantissimo, se desviarem as rédeas do mando supremo das mãos inexperientes d'uns phetontes saturados de preversidade.

A *Era Nova*, do Recife, archivou umas palavras do martyr D. Frei Vital, que muito confirmam a nossa opinião.

«Quando, na sua prisão, o heroico D. Vital de Oliveira curtia as tristezas e amarguras que de ordinario são, n'este mundo, o crysol dos caracteres de bom quilate, foi procurado certo dia por varios cavalheiros, que lhe annunciaram communicções de grande importancia.

E importante, com effeito, era o que tinham de tratar com o egregio prelado.

—Somos, disseram-lhe, membros do partido republicano. Trabalhamos para a victoria da pura democracia e nada poupamos para a destruição da vigente forma de governo. Ouça-nos v. ex.^a e talvez cheguemos a um accordo.

Já os leitores sagazes estão conjecturando aonde iam aquelles fautores de revoluções. A prisão de D. Vital e seu illustre companheiro, o actual sr. Arcebispo da Bahia, tinha summamente exaltado o espirito dos catholicos, aqui e nas provincias de que foram arrancados esses estrenuos confessores de nossa fé. Em Pernambuco, sobretudo, cresciam os descontentamentos. Os mysteriosos visitantes do bispo de Olinda vinham, portanto, solicitar a sua अनुencia para as manobras que em sentido adverso à monarchia pretendiam iniciar no Recife.

Todo martyrio é uma força que advém à causa de quem o padece. D. Vital sem duvida alguma soffria nobremente. No mais acceso das discussões e logo que, por assim dizermos, algum tanto se esvaecia a polvora do combate, claramente se divisava no fundo do quadro a multidão enorme das admirações que mesmo aos descrentes arrancava a varonil attitude do encarcerado. Os republicanos tinham comprehendido a vanagem de similliantes alianças e vinham propol-a com todas as cautelas.

Não lhes falleceu habilidade para isso. Com eloquencia e calor rememoraram todas as affrontas infligidas ao episcopado nas pessoas dos dignos bispos. Exaggeraram as cruzas e impiedades do governo, e em um risonho futuro acenaram com uma republica inteira mente christã e onde, isenta do famoso direito de padroado, se veria a religião da maioria dos brazileiros.

Mas D. Vital repelliu taes propostas. —Estou preso, disse, porque não faltei aos meus deveres de bispo; e inutilmente me provocam a delinquir como cidadão. Jámais contribuirei para a revolta a que me incitam.

Os emissarios insistiram; e o bispo permaneceu inabalavel em sua resolução.

Então, reconhecendo que nada haviam conseguido, um dos alliciadores teve um momento de colera e, despeitado:

—Nós nos retiramos, exclamou, porém v. ex.^a ainda se arrependará de tão obstinada negativa. A republica ha de fazer-se no Brazil, mais cedo do que pensa v. ex.^a, mas já lhe não deverá obrigações; em vez de amparar o catholicismo, bem pode apeial-o de sua posição de egreja do Estado. V. ex.^a reconhecerá com dôr, vendo quanto perdeu, deixando de ter-nos como amigos!

E o grande bispo, com a sua inflexivel firmeza:

—Não duvido, senhores, do que me estão a prophetisar. Quando as monarchias se afastam da verdadeira religião, muitas vezes são punidas pelo soberano Senhor das nações... Porém reflecti que o mesmo ha de succeder à

vossa republica no dia em que se alliar à impiedade. SE ELLA NÃO FOR CHRISTÃ, NÃO PODERÁ TAMBEM PERDURAR...

E assim concluiu-se a entrevista. Quantas vezes não temos meditado n'este particular que nos foi, ha tempos, referido por pessoa maior de toda excepção!

A monarchia, transigindo com os principios anti-christãos que pouco e pouco lhe solaparam os alicerces, succumbiu ante a violencia de um pugillo de homens armados; mas sobre os escombros do throno surgiu uma pretenza republica inimiga de Deus.

Escusado é que os semi-catholicos com um dos olhos na Egreja desacatada pela oligarchia, e o outro na oligarchia que desacata a Egreja, imaginem conciliações impossiveis e absurdas. O anti-christianismo d'este governo é mais que patente.

Não se constitue uma familia nova, sem que perante os magistrados da dictadura se represente uma parodia sacramental que escandalisa e magôa os bons catholicos.

Não desce aos subterraneos dos claustros, o cadaver de um monge, sem que n'isto se veja a destruição de um obstaculo para a depredação dos bens monasticos.

Não se volve um dia nas casas de ensino officiaes, mormente nos internatos, onde o alumno vive sonogado à familia, sem que no coração da infancia mais e mais se oblitere o ensino do divino Amigo das creanças.

Qual o resultado de tamanha e tão injusta perseguição?

Firmemente acreditamos que à tal interrogação respondem as palavras do imperterrito Bispo de Olinda:

«SE A REPUBLICA NÃO SE FIZER CHRISTÃ, ELLA NÃO PODERÁ PERDURAR!

Que o saibam e meditem os inimigos de Deus!»

Noticias

Exercicios Espirituaes.—No dia 28 do corrente mez de agosto se dará principio aos Exercicios Espirituaes na capella do Sagrado Coração de Jesus em Braga, às 3 e meia horas da tarde e concluir-se-hão no dia 3 de setembro ao meio dia.

Os rev.^{mos} snrs. sacerdotes que desejarem tomar parte n'elles, queiram ter a bondade de o participar com antecipaçaõ para governo.

Braga, rua de S. Barnabé, 42.

Padre Francisco Pereira.

A ilha de Sangi.—Telegrammas recentes desmentem a falsa noticia de ter sido a ilha completamente destruida. Uma erupção vulcanica produziu-lhe enorme estragos, subverteu algumas povoações,

fazendo grande numero de victimas, no entanto a ilha continua a existir.

A fome na Huilla.—D'uma carta do R. Padre José Maria Antunes, superior da Missão da Huilla, extractamos o seguinte:

«Uma fome horrorosa, causada pela escassez das chuvas, ha dizimado a população do nosso planalto, outr'ora tão florescente e rico; tem destruido aldeias inteiras e feito emigrar para centenas de leguas os habitantes que conservavam ainda um resto de vida sufficiente a poder arrastar-se.

«Nunca se me depararam tão horri-veis espectaculos, nunca scenas tão dilacerantes como as que ora se passam à nossa vista. Vêem-se familias inteiras, paes, mães e creanças, tornadas esqueletos vivos, desfinhar-se sem que as possamos soccorrer por falta de recursos; mães que vendem seus filhinhos por poucos alqueires de milho para os não verem finar-se a seu lado!

«Para cumulo de desventura uma destruidora geada de 9 graus abaixo de zero veio por tres noites continuas devastar todos os fructos que houveram podido auxiliar os pobres negros a suportar a crise, e depois uma invasão de gafanhotos em multidões immensas, verdadeiras nuvens que toldavam os raios do sol, veio abater-se sobre todo o paiz destruindo os poucos pés de milho com os quaes contavam moderar a fome os miseros habitantes do planalto.

«Provados tão de rijo por tantas desgraças, que mais podiamos fazer que levantar mãos supplicantes ao Coração d'Aquelle que em remotas éras saciara no deserto com cinco pães a mais de cinco mil homens? Consagramos com solemnidade a Missão ao Sagrado Coração de Jesus, com publica promessa de celebrar em todas as primeiras sextas-feiras do mez, a adoração do Santissimo Sacramento.

«Coisa admiravel! não eram decorridos oito dias, já copiosa chuva vinha refrigerar os aridos campos. Os gafanhotos baixavam de novo sobre as planlações, mas partiam passadas poucas horas deixando-as illesas, emquanto as de nossos infelizes vizinhos, apesar de muitos esforços para expellir o bando destruidor, eram totalmente devoradas.

«A Providencia que do mal sabe tirar o bem, quiz que tambem n'esta penosa circumstancia volvessem em bem das almas as punições infligidas ao corpo. Numerosos foram os pagãos que receberam nos ultimos instantes a graça do baptismo e que morreram bendizendo a Deus que, para os saciar n'um festim eternal, os privava do necessario.

«Vieram, outrosim, cento e quatorze creanças, na maior parte de menos de dez annos, augmentar o numero de nossos orphãosinhos, do que não podemos

deixar de agradecer ao Coração de Jesus que houve por bem conceder-nos entre tantas privações este dom precioso. E' certo que estes cento e quatorze anjinhos de cor negra deviam pesar na balança da justiça divina em prol de nossas obras, pois que apesar de tantas calamidades e do augmento d'este pequeno pessoal, que incapaz de ganhar a vida, só podia consumir provisões já mui diminutas, jamais faltou o necessario a alguma de 400 pessoas, que tantas contam as nossas obras.

«Demais, tendo o numero das creanças crescido com tal rapidez, vimo-nos obrigados a separar uns vinte da obra de S. José para ir fundar ao longe uma nova colouia; de modo que as obras de Huilla já contam mais uma missão, a de S. Bento de Tyminguero, com um Padre, 2 Irmãos coadjutores e 20 creanças.»

Memorias de Pio IX.—Brevemente será publicado na Italia um interessante volume onde se resumem muitos factos importantes do immortal Pontifice, devidos á penna d'um de seus mais fieis domesticos. O livro tracta principalmente dos successos relativos á missão do Chili, do pontificado de Imola e do conclave em 1846, sendo accrescentado com noticias acerca da ultima enfermidade e testamento do sancto Pontifice.

E' de crer tenha grandissima extracção tam importante volume.

D. Carlos de Bourbon, pela morte de Henrique V, tinha direitos á coroa de França, e grande numero de legitimistas francezes, dos de melhor nome, adoptavam as pretensões de D. Carlos. O nobre principe declara porém n'uma carta ao sr. du Bourg que para dar um testemunho de dedicação á Sancta Sé, deixa de ter em França um representante.

A Folha do Minho—surge-nos dia a dia mais vermelha. E nós damos-lhe os parabens, não pelos erros que propaga, mas pela franqueza de que usa. Tem ao menos essa virtude, que falta a muitos de seus congeneres. E seu n.º de 4 d'agosto não acha bem o proceder do clero, «que no parlamento só quer pessoas tonsuradas que advoguem os interesses da religião catholica e reclamem dos governos uns augmentos aos seus magros proventos.

Tal qual como a *Folha do Minho*, que só quizera no parlamento os homens da trolha, que destruissem a Igreja, aniquilassem a religião e preparassem a república universal. O presidente fosse algum heroe da maçonaria branca, algum soberano grande inspector geral, ostentando a sua

prata, e a roseta vermelha e verde, cores da vida e da esperanza. Isso talvez mais dos gostos da folha braca-rense, sem que podessemos affirmar que fosse mais de seu proveito, porque emfim, *obra de diabo, paga de diabo.* A experiencia quotidiana ehi nos está certificando como a maçonaria paga aos que a servem.

Ora a *Folha* deve saber que jamais o clero quiz que lhe augmentassem os proventos. A nenhum membro d'essa respeitavel classe se ouviu a manifestação de pretensão tam exquisita. Certo é que em face dos notaveis serviços prestados pela Igreja ao Estado, nada faz este de mais em sustentar a Igreja, uma corporação não de Anjos mas de homens que como os demais comem, vestem e calçam. Ora o clero em Portugal não aspira a que o Estado se depaupere para o alimentar; contenta se apenas em que lhe restitua o que lhe tem levado e lhe pertencia por direito indiscutivel. Paciente de mais tem sido o clero. Ha muito que lhe cumpria prever como lentamente o levavam a total estiolamento.

Lembra-nos um sovina que antes de matar o porco lhe tirava varias sangrias para que assim lhe rendesse mais. O Estado procede igualmente com o clero, e este, agora em vespuras de ser morto, protesta contra o canibalismo do Estado. E' tarde talvez. Mas é melhor tarde que nunca, e é ainda tempo. Vá pois o clero ao parlamento e vá para cumprir o seu dever, para defender os seus direitos, já que o Estado falséa continuamente os seus, não tutelando, como lhe cumpria, as im-munidades da Igreja.

Outra nota da «Folha do Bragan».—Sob a epigraphie: *Congresso de livres pensadores*, diz o seguinte: «Recebemos um convite assás delicado (pudera!) da commissão promotora d'este Congresso, que se realisará em Madrid, por occasião das festas em honra de C. Colombo. Essa festa é para nós extremamente sympathica etc.» Ora a tal festa, extremamente sympathica á folha do largo dos Remedios, festa de livres pensadores, é o congresso annual maçonico. effectuado este anno em Madrid, ao qual a folha sente não poder assistir.

Ora faltava uma folha d'estas em Bragan! Ha de aquelle povo consentir no meio d'elle uma fossa d'este jaez. A gente da folha bem util lhe era a leitura d'uma obra recente—*Dialogues entre feu Cartouche et M. Brisson.* Era provavel que algo aprendesse, para honra da missão honrosa que lhe foi imposta!

asilo de Veuves, em 23 de julho ultimo, quando a força da corrente começou a arrastal-as. A Irmã Santo Estanilão, que as observava da margem, vendo o perigo, lançou-se á agua para salvá-las, mas impotente para lutar, depois de salvar duas, foi arrebatada morrendo afogada com uma das creanças.

Este heroismo não o comprehende o Seculo.

Peregrinação ao Samiro.—A congregação da Virgem da Conceição, instituida na capella do Coração de Jesus, da rua de S. Bernabé, promove uma grande peregrinação ao Sameiro no 4.º domingo de agosto. Duas eminentes vantagens ressaltam d'estes magestosos actos do culto: o primeiro é a gloria dada a Deus pelo preito das suas creaturas dilectas, que no culto interno e externo devem prestar homenagem ao seu Creador; outra, é a consolação advinda ás almas christãs, quando desprendidas por instantes do cuidado das lides quotidianas, se elevam para Deus, em busca do conforto que não ha na terra, da esperanza que as sustenta, da fortaleza que lhes ministra azas poderosas para voarem á patria donde se vêem distantes.

Bem merece de Deus quem anima os grandes espectaculos da fé e ditoso aquelle que sabe aproveitá-los devotamente.

Espera-se muito concorrida a peregrinação de 28 d'agosto.

Festa de S. Luiz.—Soou a hora do banquete á infancia. O que disse «deixai vir a mim os pequeninos» concedeu-lhes audiencia jubilosa, permitindo-lhes terem por introductor um pagem distinctissimo, um palaciano eminentemente sympathico, o joven, o angelico Luiz de Gonzaga.

Foi o dia 28 de julho o singularmente memoravel para a infancia vimaranense. Uma novena a orgão e vozes, com practicas piedosas por um Padre da Companhia, predispozeram os corações para a alegre solemnidade. Os canticos, o Hymno de S. Luiz sobretudo, eram desempenhados com tam vivo entusiasmo, tal concerto de vozes, tanta delicadeza d'alma, que muitos corações dos assistentes, desacostumados de impressões deliciosas, sentiram-se a trashedar n'uma onda de satisfação celestial, ha muito tempo ignorada.

O templo de S. Domingos estava luvuosamente adornado, destacando-se brilhantemente a formosa imagem do Santo, no seu throno de luzes e flores.

A meio da missa, vestidas de gala e com a túnica de d'ouras, 500 creanças se aproximaram da sancta Mesa, a

so que o Rev.^{mo} Padre Bento Rodrigues, celestialmente inspirado, as afervorava n'aquelle acto o mais ditoso que realisaram em sua vida, e porventura o que lhes dará mais doces recordações.

De tarde, após o sermão pelo Rev.^{mo} Ignacio Leva, saiu uma procissão como esta cidade jamais vira.

Na frente, ia uma bandeira de seda branca e franja d'ouro, com o distico *Eschola do Sagrado Coração de Jesus*, seguindo, após, a bandeira de S. Luiz Gonzaga e mais trinta e cinco bandeiras, ladeadas d'outros tantos coros de creanças, entre os quaes avultava um de meninas, todas de branco, empunhando palmas. O andor do Sancto era levado por 8 minoristas, que se revezavam quatro a quatro. Muitos anjinhos, com emblemas, enchiam a linha central da procissão.

De todas as partes affluio o povo a contemplar a festa da innocencia, e das janellas, ornadas de damascos, caiam flores em profusão sobre as mil e duzentas creanças, que enlevadas no amor a Jesus e no preito ao angelico protector da juventude, compunham aquelle extensissimo sequito, que proseguiu atravez das ruas da cidade, deixando por toda a parte um como reverbero de fulgor celestial.

Sabido é como a lembrança da primeira communhão dourara a vida de Napoleão I e lhe deu o maior triumpho, levando-o a vencer-se a si mesmo, no modo como christãmente resignado soffreu os seis annos de exilio, acabando seus dias reconciliado com a Egreja. Ampère, tam conhecido por seus estudos ácerca do electro-magnetismo, conservou-se firme na fé pela força que lhe deu a primeira communhão. O grande maestro Luiz Berlioz, contemporaneo de Meyerber e Rossini, aclamado por Beethoven «o maior musico de seu tempo» escrevia, ao lembrar-se da primeira communhão:

«Foi na primavera. O sol despedia uns raios tam suaves, a aragem brincava nos alamos sussurrantes, e um aroma desconhecido saturava a atmosphera. Transpuz cheio de emoção o li-

miar da casa de Deus. Admittido na capella, entre as jovens amigas de minha irmã, vestidas de branco, aguardei orando com ellas o momento da augusta cerimonia. Apareceu o padre, começou a missa, eu estava todo com Deus. No instante de receber a sagrada hostia, um côro de vozes virginaes entoando um hymno á Eucharistia, encheu-me d'uma perturbação que nem eu sabia como subtrahir me á attenção dos assistentes. Julguei ver o ceo entreabrir-se, o ceo das castas delicias, um ceo mil vezes mais puro e mais bello que o de que me haviam falado. (1)

Oxalá todas aquellas venturosas creanças possam, nos duros combates que o futuro lhes trará, haurir invicta fortaleza para elles na recordação d'este dia sem equal, em que no seio acolheram aquelle Jesus que é o amigo que protege, o medico prompto a extinguir todos os males, o consolador que allivia todas as maguas, a luz que desfaz todas as trevas.

Agosto—17.

D.

Declaração.—Na 3.^a pagina do nosso collega o *Vimaranense*, de 2 de agosto, os snrs. Francisco Joaquim da Costa Magalhães, Francisco Gonçalves Fernandes Moreira, Rodrigo de Souza Macedo e José Joaquim Gomes da Silva, affirmam:

1.^o Que em o n.^o 12 do «Progresso Catholico» ha censuras injustas (e imerecidas) á maioria da commissão do monumento a Pio IX;

2.^o Que ha elogios mal cabidos aos signatarios do communicado do *Vimaranense*;

3.^o Que no artigo do n.^o 12 do «Progresso» foram elles sós nomeados como unicos membros da commissão.

4.^o Que não concorreram directa nem indirectamente para a publicação de tal artigo.

(1) Esta mimosa scena foi descripta em inspiradas estrophes pelo nosso saudoso poeta João de Lemos. Damol-a na secção litteraria aos nossos leitores.

A isto cumpre-nos responder:

1.^o Que em o n.^o 12 do «Progresso» não houve intenção de censurar ninguém, e, a nosso ver, não se censurou;

2.^o Que se os elogios são mal cabidos, não houve intenção de ser injusto, nem mesmo louvando; mas a provar-se tal injustiça (que se não prova) não ha a menor duvida em retirar os elogios;

3.^o Se foram somente nomeados os taes senhores, é que o auctor do artigo, que não tem obrigação de saber tudo, não sabia dos outros; mas apenas ao nosso conhecimento veiu uma carta circular com a assignatura de todos os membros, promptamente foram designados, como se vê na pag. 154 do n.^o 13 do «Progresso Catholico» de 2 de julho do corrente anno, um mez antes, dia por dia, de vir á luz o communicado;

4.^o Estamos de pleno accordo: os quatro signatarios do communicado não concorreram directa nem indirectamente para a publicação do artigo no «Progresso», artigo que suppunha apresentar-se em publico manso e cordato, sem abrolhos nem espinhos, despido do intento de lesar ninguém.

Os signatarios do communicado, vindo porém a campo, *obrigados por espirito de boa camaradagem, amor da verdade e dignidade propria*, curam, talvez, de balsamisar alguém que se julgou maguado. Se assim é, o tal alguém ou é dotado d'uma susceptibilidade sem exemplo, ou fia tam pouco do seu credito, que o julga prejudicado com uma aragem que soprasse no outro hemispherio. Se soubessemos de perigos taes, com o artigo do n.^o 12 arrolihariamos, *pro bono pacis*, a bocca do *desastrado* auctor.

Continuamos todavia a crer que no mencionado artigo não ha palavras de desdouro para ninguém, e *alto e bom som* affirmamos que não houve a minima intenção de offender. O artigo está á vista de todos: quem fór desapaixonado o julgue.

A Redacção.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS PRIMEIROS E TERCEIROS SABBADOS DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 18000 reis—Estados da India, China, e America, 18220 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis. Edição de papel de luxo, mais 200 reis.

**As assignaturas são pagas adeantadamente, por um ou meo anno.
O anno começa no 1.^o sabbado de janeiro**

Tudo o que se refere á redacção, incluindo troca de jornaes, seja enviado a Manuel Maria Fructuoso—Correio de NEGRELLOS (Concelho de SANCTO THYRSO)
Tudo o que pertence á administração seja dirigido a José J. da Silva Guimarães—rua de Gil Vicente, 64—GUIMARÃES.